

Malu Rogers: Posso Falar?**Claudia Calirman**

Um rosto com a boca tampada por uma rolha é impedido de falar o que não deve ser dito. No título que acompanha a escultura de gesso, está a indagação: *Posso Falar?* Sem olhos, nem fala, esse é um rosto anônimo; apenas uma superfície com orifícios. Nesse rosto engessado, assim como em outras obras de Malu Rogers há uma inquietude sobre a imobilidade e o aprisionamento feminino dentro de normas sociais. Ao comentar sarcasticamente sobre a objetificação da mulher, Malu usa a iconografia do rosto de forma recorrente em seu trabalho, seja nas esculturas, desenhos, ou pinturas em tinta acrílica. À quem pertence essas caras e bocas? À que elas se referem? À que regras estão submetidas? Que mecanismos de poder as calam?

O que se vê são bocas e narizes de formatos similares, seguindo um padrão único de beleza. Essas figuras interrogam construções pré-estabelecidas sobre corpos fabricados e programados. Nesse universo, a beleza individual se dilui em um mundo mecanizado e padronizado onde preenchimentos de silicone, cirurgias plásticas e bocas botocadas impõem estereótipos femininos. Rostos feitos em série, como fantasmas de si mesmos, pura máquinas de sedução e desejo. Todos homogeneizados, se adequando aos mesmos códigos de beleza e conduta. São rostos descartáveis, com suas máscaras de artifício; manequins disponíveis e à venda em vitrines como mercadoria. Signos de consumo que seguem códigos prescritos do corpo feminino.

Essas figuras parecem simulacros saídos de uma única matriz que molda e programa rostos treinados para seduzir. Eles pertencem à um mecanismo de poder que promove a sedução das mulheres para atrair tanto a atenção masculina quanto a inveja feminina. Essas figuras não são apenas objetos de desejo dos homens; mas também são invejadas por outras mulheres que querem ser desejadas pelos homens. Ao expor estratégias femininas de sedução como ferramentas de poder e controle, esses rostos apontam para a tirania da beleza feminina idealizada. Como objetos de sedução, eles tanto podem atuar como ferramentas de libertação feminina, como podem ser usados como instrumentos de disciplina, criando uma ilusão de emancipação através de aparatos de subjugação.

Como na arte Pop, Malu usa cores fortes e eletrizantes para falar de um universo onde tudo é comércio, troca e sedução. Não só seus artifícios artísticos se referem a arte Pop no uso da serialidade, repetição, e mecanização, mas também na sua crítica ao mundo comercial. As figuras de Malu são um comentário irônico sobre a busca do embelezamento para o consumo, enfrentando a pressão para atender aos padrões e demandas convencionais de beleza feminina. Rostos alegres, fruto de uma tristeza mascarada e maquiada que performam o feminino por meio de atos e gestos sedutores. Segundo Jean Baudrillard, “as mulheres não podem confiar razoavelmente nem no brilho de seus olhos, nem na suavidade de sua pele: essas coisas, que são suas, não lhes trazem nenhuma certeza. Há uma grande diferença entre ter valor próprio por força das qualidades naturais e mostrar-se da melhor maneira subscrevendo à um modelo e conformando-se à um código pré-fabricado.”¹

As figuras de Malu apontam para situações limite de aprisionamento feminino, ao mesmo tempo que questionam valores impostos por uma sociedade patriarcal. Essa ambiguidade se reflete nos títulos das obras: *Procurando se encontrar*, *Patrulha*, *Na fila do espelho*, *Resgate*, *Contando até 10*, *Descartável* e *Do lar*. Ao imaginar novos mundos possíveis, elas sonham em deixar para trás regulamentos estabelecidos que não as servem mais. Elas parecem acreditar na possibilidade de transformação da moral vigente.

O filósofo Peter Pal Pelbart nos diz que, “Quando um pensador sai de sua clandestinidade especulativa e se põe a falar, é preciso saber que sua voz soará mais rouca e cáustica do que em suas construções sistemáticas, mas também mais serena, mais trágica, mais alegre.”² Ao buscar encontrar sua voz, essas figuras parecem querer resistir imposições normativas e se tornar agentes de mudança. De acordo com a escritora Tatiana Salem Levy, “Resistir é tornar-se estrangeiro, estranho na própria cultura, é devir-menor, tornar-se nômade, exilado, errante.”³ Ao resistir à formas dispositivas de aprisionamento, através de suas figuras, Malu busca novas maneiras de existir, afirmando o desejo de criar a possibilidade de um mundo distante de certezas e verdades, um mundo onde tudo ainda está por vir.

¹ BAUDRILLARD, Jean. *The Consumer Society: Myths & Structures*. Londres: Sage Publications, 1998, p. 96. Tradução da autora.

² PELBART, Peter Pal (Prefácio e tradução). *Gilles Deleuze: Conversações: 1972-1990*. São Paulo: editora 34, 1992.

³ LEVY, Tatiana Salem. *A Experiência do Fora: Blanchot, Foucault e Deleuze*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011, p. 137.